

## **DESVELANDO A PRINCESA: OUTRAS POSSIBILIDADES DA FIGURA FEMININA NA LITERATURA A PARTIR DE A BELA E A FERA**

**Ana Paula Marques Sodré da Mota**

**Rhayza de Mattos Martins**

**Profº Fábio Luiz Alves de Amorim**

### **Resumo**

O feminismo é um movimento antigo, mas que até hoje ainda sofre com estereótipos até na literatura. Pensando nisso, buscamos comparar uma história tradicional com uma releitura dela, mais atual e que apresenta a mulher como um alguém capaz de ser heroína de sua própria história.

**Palavras-chave:** literatura infantil, feminismo.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho busca trazer uma reflexão sobre a questão de gênero apresentada nas histórias infantis, principalmente em se tratando da figura feminina, que dentro delas é retratada como frágil, submissa e em busca de um “felizes para sempre” calcado num casamento. Essas personagens, geralmente, são princesas, ou mulheres, que se tornam princesas por meio do matrimônio.

Por muito tempo e, ainda nos dias atuais, nós mulheres fomos apresentadas a essas figuras de princesas, e acabamos moldando nossos objetivos de vida alicerçados em um bom casamento, nos qual nós pudéssemos nos sentir como princesas. No entanto, quando trazemos essas questões à tona, percebemos que um casamento nem sempre é um “felizes para sempre”. Ao acompanharmos notícias de jornal e até mesmo escutarmos histórias de mulheres próximas de nós, percebemos que muitas sofrem com abusos, simplesmente por serem mulheres e, com isso, aquela figura frágil, estabelecida nas histórias infantis, se torna um estereótipo seguido por gerações.

Com o passar dos anos, surge o feminismo, fundamentado em angústias e revoltas sentidas por mulheres que não concordavam com os modelos que eram exigidos pela sociedade. A partir disso, com a luta por direitos iguais, cada vez mais forte, vemos que a mulher conquistou muitos espaços, mas a literatura Infantil e Infantojuvenil não

acompanhou essas conquistas, exaltando e vendendo sempre a figura da princesa como um padrão a ser seguido.

Por isso, neste trabalho, temos como objetivo fazer uma análise crítica acerca dessas figuras apresentadas às crianças, em especial as meninas, em seus primeiros contatos com a leitura, principalmente porque neste primeiro momento a criança começa a formar a sua bagagem de informações, sua leitura de mundo. Nessa perspectiva, buscamos outros caminhos para que a literatura seja apresentada, não eliminando os contos clássicos, mas permitindo que a criança passe a enxergar mais possibilidades e ser capaz de construir seu próprio final feliz.

Outra questão a ser analisada é a representatividade, quando pensamos que as princesas são mulheres, mas com características físicas que nem sempre elas representam as meninas que leem essas narrativas e, assim, acabam limitando a imaginação da criança ao tentar se enxergar numa determinada personagem da qual ela nunca se assemelhará fisicamente. Logo, ao analisarmos criticamente as narrativas, estamos em busca de quebrar paradigmas e, enquanto educadoras, termos repertório e não apenas um padrão específico.

Nossas inquietações se fazem presentes neste trabalho, por sermos consumidoras desta literatura, e que, por muito tempo, acreditamos que era possível viver como em um conto de fadas, mas que a realidade é bem diferente.

## **REPRESENTATIVIDADE NA FORMAÇÃO DE LEITORAS E LEITORES**

Os contos de fadas, ao passo que são narrativas de sonhos, aguçando o desejo de ser como as princesas, também mostram muitas questões das quais possibilitam outras leituras inerentes à submissão feminina passada, historicamente, de geração em geração

A figura da princesa é de delicadeza, de graciosidade e de fragilidade. Há pouco tempo que, alguns escritores, criaram princesas decididas, donas de si, corajosas, mas, mesmo assim, estas precisam provar seu valor por meio de atos extraordinários, o que não difere da realidade feminina ao largo da história, como bem lembra Woolf (1985).

As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. Sem esse poder, provavelmente, a terra ainda seria pântanos e selvas. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. (p. 54).

Pensando junto a Woolf (1985), percebemos que as obras literárias estão conectadas a todo o ideário machista e patriarcal. Da mesma forma, durante o desenvolvimento, a criança está exposta a essas narrativas infantis, aos contos de fadas e, principalmente, às histórias que estereotipam a figura feminina, como é o caso dos textos sobre princesas.

Uma vez que as crianças começam suas leituras, naturalmente suas escolhas serão aquelas que prendem mais a atenção e mostram uma possibilidade de ser como as personagens, visto que, quando se é criança, a imaginação, o sonho, a fantasia e realidade andam juntos.

Diante do exposto, é preciso problematizar o papel das princesas nas obras de literatura infantil, desmitificando o estereótipo enraizado nessas personagens. Desse modo, precisa-se comparar os contos tradicionais com os contos contemporâneos que trazem a mulher como uma figura independente e que tenha a possibilidade de sucesso sem o vínculo com uma companhia para o seu “felizes para sempre”.

Apesar das mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos relacionadas à imagem da mulher nos livros infantis, ainda é necessário trazer à tona a temática feminista e a construção da identidade das crianças à luz do respeito, da igualdade na conquista de espaços, inclusão e aceitação.

Adichie (2019) inicia seu relato sobre o perigo de uma história única, contando como foi sua infância, o contato com a leitura desde muito criança - segundo sua mãe, aos dois anos de idade, mas a autora diz os quatro anos serem mais próximos da verdade.

Neste contato com a leitura, a menina que vivia na Nigéria, consumiu literatura infantil britânica e americana e tinha como referência as “[...] princesas de olhos azuis, pele branca, que brincavam na neve e comiam maçãs [...]” (ADICHIE, 2019. p. 12) – estas características não se pareciam com as suas – e ela continua, dizendo que “[...] o que isso demonstra, acho, é quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história particularmente durante a infância.” (ADICHIE, 2019).

Anais da XII Mostra Científica da Faculdade Estácio de Vitória – FESV

ISSN: 2358-9515

<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/AMCF>, n.12, v.1, p. 400-423, dez. 2021.

Diante do início do relato Adichie (2019) no TED *Conferences* surge um importante questionamento sobre o primeiro contato com a literatura e como isto pode impactar a vida de um sujeito. A autora alerta sobre o poder que os estereótipos literários exercem sobre o leitor e reflete que “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (ADICHIE, 2019, p. 22).

No entanto, a literatura precisa ser crítica e, principalmente, representativa no que tange o desenvolvimento de um leitor. Não muito distante, Paulo Freire (1989) aponta a leitura de mundo como fator fundamental do desenvolvimento. Entender que há várias realidades, culturas diversas e se reconhecer em algum lugar é o ponto principal para o empoderamento, que significa o “ato ou efeito de dar ou adquirir poder ou mais poder” (disponível em: empoderamento - Dicionário Online Priberam de Português. Acesso em: 20 de Set. 2019.).

Ao citar a palavra “empoderamento” e analisar sua raiz “poder”, chega-se à compreensão de que o pertencimento a um espaço é poder, não no sentido tirânico, mas no sentido de possibilidades, de posse da identidade. Logo, este trabalho visa refletir acerca da literatura como fonte de conhecimento identitário desde o primeiro contato dos sujeitos, principalmente a figura feminina nos livros de literatura infantil e infantojuvenil.

Ao pensar em falar sobre a figura feminina e os estereótipos apontados nas narrativas de literatura infantil e infanto-juvenil, deve-se fazer uma busca histórica acerca do ser mulher, no sentido do sujeito, ao longo da História das sociedades.

A mulher, desde os primórdios, é a figura maternal, do cuidado com a casa, com os filhos, com a família, no entanto, a mulher foi, pouco a pouco, ganhando seu espaço ao longo da história e, além da mãe, esposa e dona de casa, a figura feminina também passa a ser dona de si, provedora da casa, alcançando cargos de chefia, sendo líderes e construtoras de seu destino.

A literatura, além de entreter, sempre teve o papel da crítica social, no entanto, mesmo com os espaços conquistados, a mulher ainda vem sendo retratada apenas como o “sexo frágil”.

Silva (2021) em seu estudo sobre “O movimento pedagógico de gênero nas escolas” evidencia as “disposições de gênero interiorizadas [...]” (p.34), fruto de um pensamento patriarcalmente histórico, onde a mulher ocupa funções inerentes ao cuidado, ela também observa a persistência das bases patriarcais, além de comentar que em relação à mulher “[...]os direitos conquistados são lugar de tensionamentos e, portanto, suas conquistas são fruto de enfrentamentos cotidianos[...].” (SILVA, 2021. p.35).

Com essa perspectiva, problematizamos a formação dos leitores e leitoras acerca dos estereótipos femininos apresentados nas histórias infantis. Pois, entendemos que durante o letramento literário, primeiro contato destes sujeitos com a leitura, inicia-se o processo de construção de alguns saberes. Estes, somados aos já adquiridos em sua trajetória, influenciam não só a formação para com a literatura, como também sua formação humana.

## **METODOLOGIA**

A construção deste trabalho se fez por meio de uma pesquisa bibliográfica exploratória. Para tanto, buscamos estudos relacionados às questões de gênero, perpassando pelos livros de literatura infantil, tendo como foco as histórias de contos de fadas.

A coleta de informações de artigos e livros acerca das temáticas de leitura, literatura infantil e gênero ocorreu entre os meses de agosto e novembro de 2021.

No primeiro momento, realizamos pesquisas sobre a importância da leitura e a influência causada nos sujeitos desde o primeiro contato, além da importância destas leituras serem representativas.

Em seguida, passamos para o estudo de gênero, buscando a representatividade da figura feminina na História em um comparativo com as histórias de literatura infantil, os estereótipos apresentados nessas narrativas, principalmente nos contos de fada.

Num outro momento da nossa pesquisa, realizamos a leitura do conto clássico “A Bela e a Fera”, de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, datado no ano de 1756, com tradução original da Editora Zahar, 2010. Também fizemos a leitura do conto contemporâneo “Belle, a corajosa”, de Vita Murrow, 2019. Durante as leituras,

realizamos as análises comparativas dos contos. Para tanto, precisamos realizar uma análise de conteúdo.

Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo se trata de um “leque de apetrechos” para análise das comunicações. A literatura, em se tratando de uma forma de expressão artística por meio das palavras, perpassa pela comunicação, já que as obras literárias são intencionadas a comunicar ao leitor, seja para realizar uma crítica social, ou somente trazer à tona a imaginação. Logo, ao utilizarmos essa metodologia, buscamos a intenção comunicativa presente na figura feminina apresentada em ambas as obras analisadas.

Ainda sobre a análise de conteúdo, pode-se acrescentar que esta não se trata de uma análise superficial, mas, como estabelece Franco (2005), uma observação realizada, considerando diversos fatores de um determinado ambiente, como situações cotidianas, espaço-tempo específicos, isto posto, ao realizarmos este trabalho e aplicarmos a análise de conteúdo, fizemos levantamentos sobre o local, tempo e sociedade em que as obras estão inseridas para que esta análise, de fato faça sentido.

## **REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Para o embasamento da nossa pesquisa, pensamos junto a Amaral (20), Silva (2021) e Adichie (2015, 2019), articulando a leitura a partir das obras “A Bela e a Fera” (1796) e “Belle, a corajosa” (2019) que contribuíram para o debate e reflexão sobre educação, gênero e literatura infantil. Nesse sentido, apresentamos nosso referencial teórico-metodológico delineando os contos de fada, o feminismo e o conteúdo presente nas obras literárias.

A partir das obras de Adichie (2015, 2019) conseguimos trazer à tona as discussões sobre o feminismo e os estereótipos, além das influências que estes podem ter dentro das obras literárias, principalmente as obras analisadas para este trabalho. Com essas contribuições, o nosso trabalho permeia os aspectos relacionados ao feminismo e à história única, principalmente na importância que a representatividade pode ter para uma leitora de uma história infantil.

Com Adichie (2015, 2019) tivemos a oportunidade de costurar suas duas obras. Uma complementa a outra quando buscamos falar dos estereótipos. Em “Sejamos todos feministas”, ela nos traz a reflexão da figura masculina sendo sempre tratada como superior, já em “O perigo de uma história única”, ela nos alerta sobre o perigo dos estereótipos entranhados na sociedade.

Dialogamos com Silva (2021) sobre a luta feminina nas escolas, a partir do movimento sobre gênero e como isto nos auxilia nas abordagens por meio da literatura estudada em sala de aula. Suas ricas contribuições nos fizeram refletir acerca da questão de gênero, não só em como pode ser abordada pelas professoras nas escolas, e também em como elas vivenciam estas questões.

Ainda com Silva (2021) pudemos observar o *habitus* de gênero, a luta das professoras pela conquista de espaços, salários e, até mesmo suas lutas individuais, dentro de suas casas, além do alerta à hierarquização da Educação, quando se trata das mulheres ocuparem espaços de cuidado, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com salários baixos, enquanto os homens estão nas disciplinas específicas, nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino médio, colhendo os frutos plantados pelas professoras e recebendo salários mais altos.

Com Amaral (1998) falamos dos mais diversos tipos de diferenças e como elas ainda não são respeitadas, mesmo depois de mais de uma década, em ambientes escolares e fora deles. Como ainda vivemos rodeados de preconceitos quanto a deficiências físicas e cognitivas e a autora assim como Adichie (2015,2019) nos fala mais uma vez sobre a superioridade com a qual o homem (sem deficiência) é visto. Ela traz mais uma série de questionamentos em seu trabalho que nos remete a representatividade e como as crianças se enxergam e enxergam as outras pessoas ao seu redor.

## CONTOS DE FADA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A CRIANÇA

A leitura é parte importante do processo de aprendizagem. É a partir dela que o sujeito passa a compreender, reter o conhecimento. A leitura também é responsável pela forma de escrever. Através dela, as palavras são assimiladas e ela contribui, também, para que o vocabulário se torne mais vasto e a escrita se torne melhor.

O conceito de leitura é amplo. Para uma criança de um ano de idade, a leitura é feita através de imagens, objetos, cores; já para um aluno do ensino fundamental, a leitura não é apenas feita pela linguagem não verbal, inclui também a linguagem verbal. Apesar dos tipos de linguagem necessários para a leitura, temos também a chamada leitura do mundo, que se refere ao conhecimento adquirido por cada sujeito no processo de aprendizagem. Paulo Freire (1989) diz que:

[...]a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.(p.9).

Logo, cada um compreende a leitura de forma diferente, o senso crítico é subjetivo, então um sujeito sempre fará sua análise crítica diferente do outro.

A Literatura voltada para o público infantil era, a princípio, a adaptação de livros pensados para adultos, o que limitava e dificultava a interpretação e entendimento desse novo grupo.

As mulheres e as crianças desde os primórdios da história não eram vistos como pessoas de valor, tudo que era feito era voltado apenas para homens brancos das classes mais altas da sociedade, sobre isso Amaral (1998) afirma que

Todos sabemos (embora nem todos o confessemos) que em nosso contexto social esse tipo ideal- que, na verdade, faz o papel de um espelho virtual e generoso de nós mesmos - corresponde, no mínimo, a um ser: jovem, do gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, física e mentalmente perfeito, belo e produtivo (AMARAL,1998).

É possível observar que não houve muitas mudanças de pensamento ou comportamento, mesmo depois de mais de duas décadas. ADICHIE (2015) reforça esse pensamento ao expor que, mais da metade da população mundial é feminina, mas, que ao observarmos os cargos mais elevados, estes são ocupados por homens.

O preocupante passa a ser quando vemos que desde a infância temos uma distinção entre meninos e meninas, na maneira de se portar, falar e até brincar, na forma de se vestir e nas tarefas que podem ajudar em casa. As meninas devem saber cuidar da casa, da sua família e ajudar no que for preciso enquanto os meninos podem continuar se divertindo.

ADICHIE (2015) mais uma vez ressalta a importância de não fazer diferença entre as crianças e aponta que as meninas, desde cedo, são estimuladas a sonhar com seu casamento, mas que o mesmo não acontece com os meninos. Eles também não podem ter esse sonho ou saber cuidar da casa? As tarefas não são definidas pelo gênero, então desde a menor idade as crianças devem colaborar e entender a importância que isso tem em seu futuro.

Ao voltarmos o foco para a literatura vemos histórias lindas de mulheres que são salvas por homens incríveis, fortes, habilidosos e inteligentes. Sempre. Todas as histórias de contos de fadas tradicionais trazem a mesma linha de pensamento: um pensamento opressor que, mesmo de uma maneira encantadora, nos remete a falta de independência das mulheres.

O fator opressor do homem sobre a mulher é nítido em muitas histórias que e essa foi uma das grandes motivações para nos debruçarmos sobre esse tema. Ao observarmos os pensamento e comportamento das crianças em relação aos contos de fada pode-se dizer, segundo a pesquisa de Constantina Xavier Filha (2011) que

As características físicas e comportamentais desejáveis da subjetividade das princesas são condizentes com o que se espera das condutas femininas ensinadas social e culturalmente. É interessante observar como essas adjetivações compõem as representações de gênero que demarcam a feminilidade hegemônica.

Além da opressão, a mulher é vista como alguém que tem características pré-determinadas, e não pode fugir muito do que é esperado dela.

## ENTENDENDO O FEMINISMO

Ao pensarmos sobre o feminismo nos deparamos com muitos questionamentos acerca do movimento: o que ele busca afinal? Como funciona? Apenas mulheres podem defender essa ideia? Muitas dessas dúvidas são esclarecidas por Bell Hooks (2018) que logo na abertura de seu livro nos coloca o questionamento a seguir

Eu queria que tivessem uma resposta para a pergunta “o que é feminismo?” que não fosse ligada nem a medo nem a fantasia. Queria que tivessem esta simples definição para ler repetidas vezes e saber que: “Feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão. (p.10)

A autora expõe a necessidade de todos (homens, mulheres, adultos, jovens e idosos) conhecerem mais a fundo o feminismo e que muito da imagem estereotipada, como dito por ADICHIE (2019), provém da falta de conhecimento das pessoas a respeito do movimento feminista. A autora traz a importância de se entender que o sexismo foi algo implantado em nossa sociedade há muitos anos e que não será fácil fazer com que todos abram mão de uma vivência que enaltece homens e limita, de tantas maneiras diferentes, a mulher.

Sobre o começo do movimento ela expõe que havia, de fato, esse sentimento anti-homem que muitos acreditam ser o que norteia o movimento até os dias atuais, o que é colocado como equívoco pela autora. O movimento teve início como uma relutância na diferença de tratamentos entre homens e mulheres e gerou raiva e impulsionou os primeiros momentos do movimento feminista.

Ao pensarmos na evolução do movimento não podemos deixar de falar de uma educação voltada para esses princípios, visto que, as novas gerações poderão colher mais frutos, ver e fazer ainda mais diferença nesse cenário. Sobre isso Hooks (2018) diz:

Ao falhar na criação de um movimento educacional de massa para ensinar a todo mundo sobre feminismo, permitimos que a mídia de massa patriarcal permanecesse como o principal local em que as pessoas aprendem sobre feminismo, e a maioria do que aprendem é negativa. Ensinar pensamento e teoria feminista para todo mundo significa que precisamos alcançar além da palavra acadêmica e até mesmo da palavra escrita. (p.28)

Muito da falta de conhecimento provém do controle das mídias e do que é apresentado para nossa sociedade, aqui podemos trazer para o universo infantil e de pequenos leitores, desde cedo as ideias apresentadas são voltadas para o masculino, para pessoas brancas e que possuem uma vida estável, se torna custoso se reconhecer parte de algo que não te representa em nada do que você é.

Crianças e jovens crescem sem a valorização do que eles são e isso é uma das coisas que a literatura pode ajudar a transformar, retirar das meninas e mulheres a ideia de apenas um modelo de perfeição, quebrar os arquétipos que foram impostos e passar a se verem como protagonistas e heroínas de suas histórias.

## ARTICULANDO AS IDEIAS E PERCEPÇÕES SOBRE O FEMINISMO E A LITERATURA INFANTIL

Durante nossa vivência acadêmica pudemos compreender que a formação do leitor é ilimitada, ela não finaliza em um dado momento, além disso percebemos, como mulheres, a posição inferior em que a mulher é colocada nas histórias que fizeram parte do nosso crescimento e nos trouxeram expectativas inalcançáveis, diferentes da realidade.

Para articularmos o debate em torno da figura feminina presente nas obras de literatura infantil, especificamente na obra “A Bela e a Fera” (1796) em comparação ao conto “Belle a Corajosa” (2019), utilizamos as inquietações de Adichie (2015) em sua obra “Sejamos todos feministas”, que chama nossa atenção para o feminismo, visto, mesmo pelas mulheres, como algo negativo. Ela nos leva a pensar sobre as diferenças que ainda existem entre homens e mulheres e como a construção do estereótipo feminino é abordado desde a infância.

Ainda em suas observações, Adichie (2019) em “O perigo de uma história única” nos desperta sobre os perigos existentes nos moldes apresentados nos livros de literatura infantil e como estes podem impactar na vida de um sujeito quando não há representatividade para o leitor no sentido de se assemelhar às personagens. Também nos ajuda a refletir que há sempre uma história por trás do que nos é apresentado como uma única verdade.

Podemos colocar aqui a ideia do feminismo e como é, preocupante, o pouco conhecimento acerca do movimento feminista e de como podemos introduzir esse assunto junto à crianças, esse é um tema que deve ser abordado pois faz parte de uma mudança social que já começou a acontecer, mas que demanda um longo processo e que vai encontrar resistência em muitas esferas.

Nossa sociedade vive há muito tempo imersa no patriarcado onde homens são colocados sempre como melhores e mais eficientes, fortes e inteligentes que as mulheres, ocupando, em grande maioria, cargos mais elevados mesmo tendo mulheres mais capacitadas.

Quando falamos de leituras e os julgamentos apresentados nelas, nos recordamos das considerações de Freire (1989) que nos convoca a pensar sobre a importância de uma leitura de mundo e a influência que a nossa bagagem familiar, social e cultural tem sobre a nossa vida e sobre as leituras que fazemos de nós mesmos e do outro. Assim como Adichie (2019), Freire (1989) expõe a nossa fragilidade enquanto leitores e leitoras quando se trata dos clichês existentes nas obras literárias, bem como o modo como podemos buscar a quebra dos paradigmas em nossas vivências.

Na Educação, a quebra de paradigmas é fundamental para que as/os alunas/os possam formular um pensamento crítico. Para isso, utilizando as contribuições de Silva (2021) tivemos o auxílio para enxergar a luta feminina pela igualdade de gênero e, principalmente, a quebra dos estereótipos femininos produzidos ao longo da História por meio de uma sociedade patriarcalista que coloca a mulher em espaços de cuidado, submissão e desigualdade hierárquica e salarial.

Estudar sobre essas questões colocadas pelos autores, nos convoca a refletir sobre o nosso papel social enquanto educadoras e em como podemos alcançar nossos alunos acerca das questões de gênero, porque, apesar de vivermos em um tempo em que a mulher conquista espaços, possui direitos garantidos construídos com muitas lutas, vivemos também uma nova onda do conservadorismo. Dito isso, a temática de gênero tem se tornado uma verdadeira “caça às bruxas” na Educação.

A atualidade presente em Silva (2021) traz essa questão com um parâmetro histórico sobre este momento, alinhando todos os acontecimentos que nos fizeram chegar ao tempo em que falar de gênero é quase como uma proibição dentro das escolas.

Não podemos nos esquecer de que, na Educação, todos os assuntos importam e não podemos abolir um ou outro que não nos agrada, ou que terá um indicativo doutrinador àqueles que veem de fora. Segundo Freire (1989),

este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo, está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui no mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida da leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo”, ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (p. 13).

Então a partir de Freire (1989), podemos perceber que as vivências têm grande influência na construção dos saberes, principalmente na criticidade do leitor. Portanto,

o agir pedagógico das professoras/es tem uma função de suma importância na formação da/o leitora/or quando se trata da mediação do conhecimento prévio do aluno em relação ao conhecimento adquirido em sala de aula em se tratando das, principalmente em se tratando das questões de gênero.

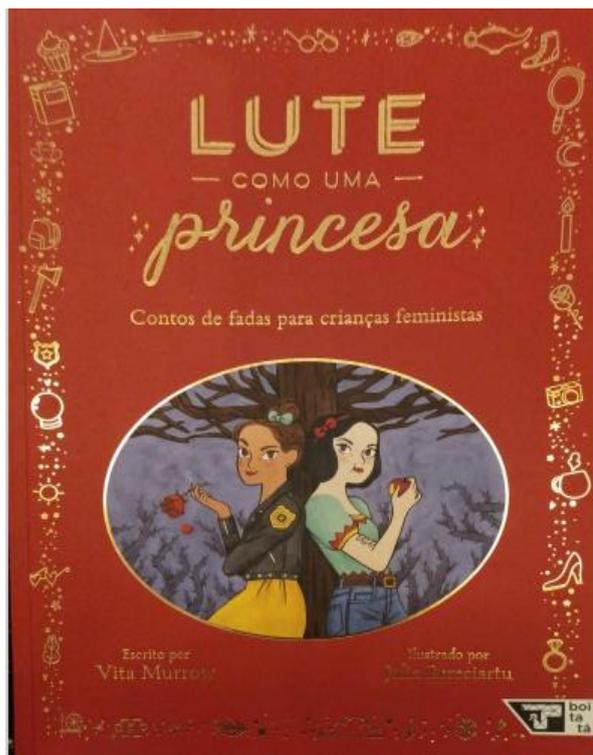
## **DIFERENTES PERSPECTIVAS PARA A FIGURA DA PRINCESA EM A BELA E A FERA**

Durante nossas buscas, entendemos o quão importante era, além de buscar em estudiosos e teóricos, mostrar na prática como a literatura infantil, principalmente em se tratando da figura das princesas, pode influenciar a construção do pensamento com base nos estereótipos apresentados nas narrativas, chamadas de contos de fadas.

Para tanto, neste trabalho escolhemos realizar uma análise comparativa e crítica entre a obra “A Bela e a Fera” (*La Belle et la Bête* - tradução original - Editora Zahar, 2010), de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, datada no ano de 1756; sua releitura intitulada “Belle, a corajosa” da coletânea “Contos de fadas para crianças feministas” (2019), de Vita Murrow.



(capa do livro A Bela e a Fera, de Beaumont - kindle)



(Capa do livro *Lute como uma princesa: conto de fadas para crianças feministas*, de Vita Murrow)

Na obra de Beaumont (1756), remonta uma família rica, que vai à falência e precisa ir para o campo para trabalhar, composta por um pai viúvo com seis filhos, sendo três homens e três mulheres. Podemos observar, já em sua apresentação, a diferença entre Bela e as outras duas irmãs. Enquanto a personagem principal buscava o conhecimento nos livros, as irmãs alimentavam o estereótipo da mulher criada para fazer um bom casamento.

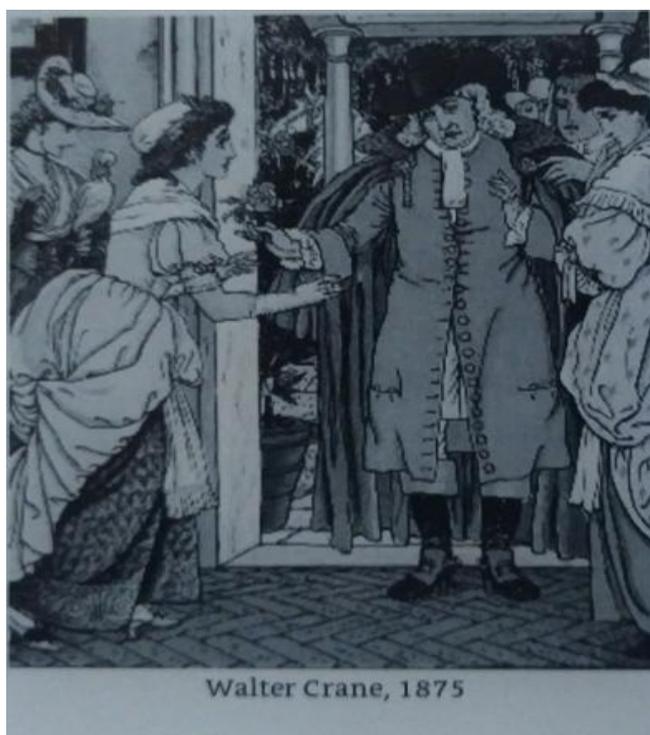
Mesmo Bela não agindo como uma mulher conforme os padrões esperados para as mulheres do século XVIII, período em que a história foi escrita, ainda estava imersa na cultura do casamento por convenção social, além disso Bela representa a figura da mulher submissa desde o seio familiar, porque “[...] acordava às quatro da madrugada e se apressava em limpar a casa e preparar o café da manhã para a família. [...]” e “[...] não estava acostumada a trabalhar como uma criada”. Também podemos observar o estigma dos serviços do lar, voltados para o cuidado, feitos por mulheres. Ao longo da História, percebemos esta problemática das diferenças sendo expostas, como em SILVA (2021) que nos lembra que

[...]. As diferenças criadas e legitimadas culturalmente entre o feminino e o masculino reproduzem desigualdades ao serem apropriadas pelo capital,

fortalecendo não apenas o sexismo [...], mas também a classe economicamente dominante. (p.43).

Deste modo, podemos analisar criticamente, nas próximas partes da narrativa, esta diferença entre as figuras masculinas e femininas, reforçada nos padrões culturais.

Logo, observamos que a figura feminina apresentada nas narrativas de princesas é de tamanha submissão, quando, mesmo que para o sacrifício, inclusive um casamento arranjado, a mulher é quem é submetida, enraizando ainda mais a figura masculina como superior e detentora de sonhos e desejos, anulando assim qualquer sentimento relacionado à vontade que a mulher possa querer sentir. Dito isso, chegamos à parte da história em que o pai de Bela precisa dar uma de suas filhas em sacrifício para que ele se salve e, ingenuamente, Bela se anula para ir em socorro de seu pai.



(Ilustração da obra A Bela e a Fera, de Beaumont)

Com o ato de coragem de Bela, ao se entregar pelo pai, os irmãos homens entram em cena expondo a fragilidade do ser mulher, interiorizada pelo patriarcalismo, muito forte na sociedade da época. SILVA (2021) nos chama a entender o *habitus* de gênero, que consiste no poder masculino sobre o feminino, este pode ser observado neste momento da obra, em que a personagem, simplesmente, faz o que lhe é solicitado, sem poder de voz.

Anais da XII Mostra Científica da Faculdade Estácio de Vitória – FESV

ISSN: 2358-9515

<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/AMCF>, n.12, v.1, p. 400-423, dez. 2021.

Ainda no conflito da narrativa, o estigma do casamento como salvação da figura feminina, principalmente de situações vexatórias relacionadas ao estado civil aparece na fala da personagem principal, como única forma de ajudar suas irmãs em caso de falta do pai.

Apesar do conto remeter ao século XVII e mostrar muitos traços da sociedade patriarcalista, inclusive por Bela, mesmo que ela demonstre estar à frente de seu tempo com o conhecimento adquirido por meio dos livros. Ainda que com sua ingenuidade e habitualmente concordando com alguns prejulgamentos, num embate com as irmãs sobre salvar seu pai, a personagem reflete que “Muitos homens são mais monstruosos [...]” e que a Fera é melhor “[...] com essa aparência que daqueles que, por trás de uma aparência de homens, escondem um coração falso, corrompido e ingrato.”.

Analisamos que, ao longo da obra, há um relacionamento abusivo romantizado, quando a Fera agrada Bela com tudo que a encanta, mas é insistente ao propô-la em casamento e, ainda, vitimiza-se ao falar de sua aparência e declarar que a ama e não há reciprocidade, mantendo uma relação de posse e fazendo com que a personagem principal sinta-se culpada por causar o sofrimento de um amor não correspondido.

Além do abuso psicológico sofrido por Bela, outros relacionamentos abusivos são expostos quando as irmãs reaparecem na história, já casadas, mas em casamentos infelizes. A primeira é desprezada pelo marido vaidoso e narcisista. A segunda, insultada pelo marido que se julgava mais inteligente que os outros. Com isso, não obstante o relacionamento abusivo romantizado na obra ser citado novamente como uma convenção social importante, Bela reflete que “[...] Não é nem a beleza, nem a inteligência de um marido que fazem uma mulher feliz. É o caráter, a virtude, a bondade. [...]”. A personagem se rende ao abuso disfarçado de virtude e cede ao casamento.

Chegando no desfecho da narrativa, a Fera torna-se príncipe e confia que estava sob feitiço. O que nos leva a pensar sobre o ideário sobre os homens serem príncipes apresentado nas histórias infantis, principalmente para meninas. Além disso, a obra designa a personagem principal como uma princesa, pois se casou com um príncipe. Também expõe a lição de que a virtude é mais importante que a beleza, retirando

qualquer culpa sobre a Fera, o que não justifica seu comportamento tão abusivo quanto das irmãs, que não demonstravam sororidade, apenas a julgavam e tinham inveja, e acabaram punidas por seus atos.



(Ilustração da obra A Bela e a Fera, de Beaumont)

Por fim, Bela vive seu “felizes para sempre”, porque seu relacionamento foi fundado na virtude, que ao analisarmos, é exclusivamente dela, mas anulada para que o príncipe fosse enaltecido como o melhor que poderia ocorrer a ela. E, mais uma vez, a convenção do casamento, o ideário masculino e a submissão da mulher encerram a história de forma romantizada.

Durante anos, esse tipo de história se fez presente nas leituras de crianças pelo mundo todo. A grande questão das narrativas que remontam essas situações é que sempre foram tidas como inspiração para os leitores e leitoras, afetando principalmente as mulheres. Adichie (2019) alerta que

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. (p.26).

Em comparação à obra de Beaumont (1756), Vita Murrow (2019) apresenta a personagem Belle, releitura do original “A Bela e a Fera”, como uma mulher corajosa e empoderada, livre da submissão e que tem o seu “felizes para sempre” num casamento, mas não como um sonho, e sim como uma escolha definida após conquistar as coisas que almejava.

O conto “Belle, a corajosa”, de Vita Murrow (2019) remonta a história de “A Bela e a Fera”, de Beaumont (1756) e inicia indagando os leitores e leitoras se eles/elas sabem o que é ser corajosa, posterior à pergunta, já explica, usando uma linguagem acessível e um exemplo comum para que pequenos e pequenas leitores/as compreendam o sentido da palavra coragem. Observamos que este contato do narrador com o leitor instiga o entendimento e convida a quem está lendo a ter a mesma postura de coragem diante das situações cotidianas.

Em comparação ao conto original, este não mostra as irmãs sem o sentimento de sororidade e em busca de um casamento, também não criticam Belle por pedir que o pai lhe traga apenas uma flor. Nesta releitura, também pudemos observar que, como no original, as irmãs não dotam de algumas habilidades adquiridas pela personagem principal, sendo a coragem uma delas, mesmo assim não são caracterizadas como mulheres tolas e/ou desprovidas de quaisquer características que possam rebaixá-las, como pudemos observar no conto original.



(Ilustração do livro *Lute como uma princesa: contos de fadas para crianças feministas*, de Vita Murrow)

Mais uma vez, desconstruindo o conto de Beaumont (1756), a autora não coloca o pai como alguém que implora à filha pelo seu sacrifício, ele simplesmente não retorna de sua viagem, colocando a personagem principal em seu maior ato de coragem: a busca pelo pai desaparecido. Ao encontrá-lo, ele tenta protegê-la e, mais uma vez, a personagem principal se mostra destemida ao ir em defesa de seu pai contra o aprisionamento realizado pela Fera devido ao roubo de uma rosa do jardim.

Infelizmente, a história, ainda em uma coletânea de “Contos de fadas para crianças feministas”, há falhas e podemos observá-las no momento em que Belle, que sempre prezou pela justiça, pede à Fera que solte seu pai e que ela pague pelo roubo da flor. A figura feminina se coloca em sacrifício, assumindo um erro que não é dela, em detrimento de uma figura masculina.

Belle conquista a confiança de Fera para saber o que, de fato, houve com este personagem. O paradigma do conto original é quebrado quando apresenta este personagem com fragilidade, mas jamais fazendo uso dela, vitimizando-se, para um relacionamento abusivo.



(Ilustração do livro Lute como uma princesa: contos de fadas para crianças feministas, de Vita Murrow)

No desfecho da história, somos surpreendidos com a figura de uma fada que aplicava maldições nas pessoas, aprisionando-as por ferirem algum valor moral. Uma das lições apresentadas aos pequenos leitores é que não se deve condenar alguém sem antes mostrar caminhos para que esta pessoa seja melhor, como no caso de Fera, em que seu erro foi ser egoísta. Com isso, Belle desvenda este crime e ajuda a polícia do reino, que há anos, tentava decifrá-lo.

A partir deste ponto da história, a personagem principal conquista o espaço que almejava e é convidada a ser parte da equipe da polícia do reino. Seu diferencial é apresentado como sendo uma mulher destemida e que busca outros caminhos para ajudar as pessoas a serem melhores e aprenderem com seus erros, ou seja, justa. Ela faz com que Fera compreenda que aprisionar pessoas não é correto e tem um papel importante em sua conscientização.

A história nos faz refletir sobre o papel da sociedade em relação à justiça, quem pode ou não julgar e condenar as pessoas por seus atos. Também nos leva a refletir sobre a

coragem para enfrentar os medos, mesmo que ultrapassem os limites dos quais estamos acostumados, nos tira de uma zona de conforto.

Ao fim, o “felizes para sempre”, se inicia individualmente, com a personagem principal sendo feliz, realizada e praticando o que sempre almejou, sendo corajosa e justa, em seguida, não como uma imposição, mas como uma escolha da própria personagem, ela se casa com a Fera.

Os dois contos têm visões parecidas, mas cada um coloca o foco na personagem principal de maneiras diferentes. No primeiro, remontado em 1758, a personagem é frágil, como as mulheres da época, que eram mostradas como vulneráveis, delicadas e que não tinham habilidades além de cuidar do lar. No segundo, temos a surpresa de uma personagem destemida, com opinião bem formada, uma personagem forte e corajosa.

Como Adichie (2019) nos convida a refletir, que

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (p.36).

Os clássicos sobre princesas não precisam deixar de existir, mas podem ser contados, incentivando o leitor a pensar sobre o que é apresentado na história. Mostrar que há outras alternativas para as narrativas de princesas, destacando a figura feminina não como inferior à figura masculina, mas igual, podendo realizar os mesmos e/ou até mais feitos.

É nosso dever enquanto futuras educadoras, dialogarmos com questões importantes do cotidiano, sem que estas sejam veladas. Para isso, segundo SILVA (2021), o

[...] Agir pedagógico se constitui dialeticamente pelos/nos movimentos sociais que o atinge pelas experiências pessoais, pela formação político-profissional das professoras e pelas demandas trazidas das vivências e experiências de seus estudantes. [...]. (p.202).

Entendemos que não basta analisarmos e buscarmos apenas fundamentações teóricas, mas agirmos. Enquanto estudantes do curso de Pedagogia, nos colocamos como vigilantes sobre os estereótipos apresentados nas narrativas infantis e sobre a

forma de apresentar as histórias aos alunos, principalmente as/os pequenas/os leitoras/es em formação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A questão do feminismo voltado para criança e até para o público geral ainda é algo pouco falado, pouco visto e que tentamos trazer para a Literatura Infantil, devido ao nosso interesse neste tipo de texto, uma vez que gostamos de ler, temos sede pela leitura e trabalhamos com crianças, portanto não queremos que nossos alunos tenham uma visão limitada com uma imagem de contos que não os representem. As crianças não precisam ser apenas princesas e príncipes para serem felizes, eles podem ser o que almejam.

Durante nosso processo de pesquisa para este trabalho, encontramos autores que dialogam sobre feminismo, sobre leitura, sobre literatura, mas tivemos uma grande dificuldade de encontrar algum autor que falasse especificamente de literatura feminina na literatura infantil. Descobrimos que existe um movimento ainda muito pequeno, mesmo que, nos dias de hoje, haja uma mudança, como, por exemplo, os novos modelos de princesas e em como as crianças já começam a ter um pouco mais de facilidade em se enxergarem dentro das histórias.

Atualmente as crianças estão servidas de novos modelos de princesas, que trazem representatividade, seja física, ou de personalidade, todas corajosas, donas de seu próprio destino, além das super heroínas, que passaram a ter um lugar de protagonistas e não mais coadjuvantes nas histórias comercializadas nos gibis, livros e até no cinema.

Desvelar a princesa, neste trabalho, significa esclarecer a figura feminina apresentada nas histórias infantis. A partir das análises realizadas nas duas obras, podemos concluir que a literatura pode e precisa ser representativa para as crianças, principalmente as meninas. Os contos de fadas não deixarão de existir, mas cabe àqueles que mediam as contações e as leituras o direcionamento do aluno à criticidade às histórias.

Nós, como mulheres e futuras pedagogas, nos sentimos inspiradas com histórias (reais ou de fantasia) sobre mulheres que se mostram capazes de muito mais do que é esperado dela, e é isso que acreditamos ser capaz de mudar, mesmo que aos poucos, o mundo. Mulheres incríveis estão por toda parte, basta olhar ao redor e vemos mães, trabalhadoras e que são capazes de tudo sem depender de homens ou casamentos. Hoje seguimos a sugestão de Adichie quando nos pede no título de seu livro que sejamos todos feministas.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMARAL, Ligia Assumpção. **Sobre crocodilos e avestruzes**: Falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. São Paulo, 1998 [Acessado em 16 de outubro 2021] Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/88vc1sv>>

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977.

BEAUMONT, Jeanne Marrie Leprince; FILHA, Constantina Xavier. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2011, v. 19, n. 2 [Acessado 31 Outubro 2021], pp. 591-603. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200019>>. Epub 10 Out 2011. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200019>.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo [recurso eletrônico]**: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. 1. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira** : história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, Erineusa Maria da. **O movimento pedagógico de gênero nas escolas: o que e como fazem as professoras.** Curitiba: Appris, 2021.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

